LIÇÃO 1 - A Aquisição da Verdade: Sua Facilidade e Sua Dificuldade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 993a 30-993b 19

> *144. O conhecimento teórico, isto é, especulativo, da verdade é, em um sentido, difícil e, em outro, fácil.*
>
> *145. Uma indicação disso encontra-se no fato de que, embora ninguém possa alcançar um conhecimento adequado dela, todos os homens juntos não falham, porque cada um é capaz de dizer algo verdadeiro sobre a natureza.*
>
> *146. E, embora cada um individualmente nada ou muito pouco contribua para a verdade, ainda assim, como resultado dos esforços combinados de todos, uma grande quantidade de verdade se torna conhecida.*
>
> *147. Portanto, se a situação no caso da verdade parece ser como aquela de que falamos no provérbio "Quem errará uma porta?", então, sob esse aspecto, será fácil conhecer a verdade.*
>
> *148. Mas o fato de não podermos apreender simultaneamente um todo e suas partes mostra a dificuldade envolvida.*
>
> *149. No entanto, como a dificuldade é dupla, talvez sua causa não esteja nas coisas, mas em nós; pois, assim como os olhos das corujas são para a luz do dia, assim também o poder intelectivo de nossa alma é para aquelas coisas que são, por natureza, as mais evidentes de todas.*
>
> *150. Agora, é justo que sejamos gratos não apenas àqueles com cujas opiniões concordamos, mas também àqueles que até agora falaram de maneira superficial; pois também eles contribuíram, uma vez que fizeram uso do hábito que agora exercemos. Assim, se não tivesse existido Timóteo, não teríamos grande parte da nossa música; e se não tivesse existido Frínis, não teria existido Timóteo. O mesmo se aplica àqueles que fizeram afirmações sobre a verdade;*

> *pois aceitamos certas opiniões de alguns deles, e outros foram a causa de eles alcançarem seu conhecimento, assim como foram a causa de nós alcançarmos o nosso.*

COMENTÁRIO

273. Tendo criticado as opiniões dos filósofos antigos sobre os primeiros princípios das coisas, com os quais a filosofia primeira está principalmente preocupada, o Filósofo agora começa a estabelecer o que é verdadeiro.

A filosofia primeira considera a verdade de uma maneira diferente das ciências particulares. Cada uma das ciências particulares considera uma verdade particular a partir de uma classe definida de seres; por exemplo, a geometria lida com as grandezas contínuas dos corpos, e a aritmética com os números; já a filosofia primeira considera o que é universalmente verdadeiro nas coisas. Portanto, cabe a esta ciência considerar em que aspectos o homem é capaz de conhecer a verdade.

274. Primeiro, ele afirma o que pretende provar. Diz que o “conhecimento teórico”, ou seja, a compreensão contemplativa ou especulativa da verdade, é em certo sentido fácil e, em outro, difícil.

275. **Uma indicação disso** (145).

Em segundo lugar, ele explica o que pretende provar: primeiro, em que sentido é fácil conhecer a verdade; e segundo (278), em que sentido é difícil (“Mas o fato”). Ele mostra em que sentido é fácil conhecer a verdade, dando três indicações:

A primeira é esta: embora nenhum homem possa alcançar um conhecimento completo da verdade, ainda assim nenhum homem é tão completamente desprovido de verdade que nada saiba sobre ela. Isso é demonstrado pelo fato de que qualquer um pode fazer uma afirmação sobre a verdade e a natureza das coisas, o que é um sinal de reflexão intelectual.

276. **E embora cada um individualmente** (146).

Aqui ele dá a segunda indicação. Diz que, embora a quantidade de verdade que um homem pode descobrir ou contribuir para o conhecimento da verdade por seu próprio estudo e talentos seja pequena em comparação com um conhecimento completo da verdade, no entanto, o que é conhecido como resultado dos “esforços combinados” de todos, ou seja, o que é descoberto e reunido em um todo, torna-se bastante extenso. Isso pode ser visto no caso das artes particulares, que se desenvolveram de maneira maravilhosa como resultado dos estudos e talentos de diferentes homens.

277. **Portanto, se a situação** (147).

Terceiro, ele mostra que a mesma coisa é verdadeira citando um provérbio comum. Ele conclui do que foi dito que, já que qualquer um pode alcançar algum conhecimento da verdade, mesmo que seja pouco, a situação no caso do conhecimento é como aquela de que falamos no provérbio "Quem errará uma porta?", ou seja, a porta externa de uma casa. Pois é difícil saber como é o interior de uma casa, e um homem se engana facilmente em tais assuntos; mas assim como ninguém se engana sobre a entrada de uma casa, que é evidente para todos e é a primeira coisa que percebemos, assim também é o caso com relação ao conhecimento da verdade; pois aquelas verdades através das quais entramos no conhecimento de outras são conhecidas por todos, e nenhum homem se engana sobre elas. Esses primeiros princípios que são naturalmente apreendidos são verdades desse tipo, por exemplo, "É impossível afirmar e negar algo ao mesmo tempo", e "Todo todo é maior que cada uma de suas partes", e assim por diante. Por outro lado, há muitas maneiras pelas quais o erro pode surgir com respeito às conclusões nas quais entramos através de tais princípios, como através de uma porta externa. Portanto, é fácil conhecer a verdade se considerarmos aquela pequena quantidade dela que consiste em princípios autoevidentes, através dos quais entramos em outras verdades, porque essa quantidade é evidente para todos.

278. **Mas o fato de não podermos** (148).

Aqui ele explica em que sentido é difícil conhecer a verdade. Diz que nossa incapacidade de apreender a verdade inteira e uma parte dela mostra a dificuldade envolvida na busca pela verdade. Em apoio a isso, devemos considerar sua afirmação de que a verdade através da qual obtemos admissão a outras verdades é conhecida por todos. Ora, há duas maneiras pelas quais alcançamos o conhecimento da verdade.

A primeira é o método de análise, pelo qual vamos do complexo ao simples ou de um todo a uma parte, como é dito no Livro I da *Física* que os primeiros objetos do nosso conhecimento são todos confusos. Ora, nosso conhecimento da verdade é aperfeiçoado por este método quando alcançamos um conhecimento distinto das partes particulares de um todo.

O outro método é o da síntese, pelo qual vamos do simples ao complexo; e alcançamos o conhecimento da verdade por esse método quando conseguimos conhecer um todo. Assim, o fato de o homem ser incapaz de conhecer perfeitamente, nas coisas, um todo e uma parte mostra a dificuldade envolvida em conhecer a verdade por ambos esses métodos.

279. **No entanto, como a dificuldade é dupla** (149).

Ele dá a razão para essa dificuldade. Aqui também deve ser notado que, em todos os casos em que há uma certa relação entre duas coisas, um efeito pode deixar de ocorrer de duas maneiras, ou seja, por causa de uma ou de outra das coisas envolvidas. Por exemplo, se a madeira não queima, isso pode acontecer porque o fogo não é forte o suficiente ou porque a madeira não é combustível o suficiente. E de maneira semelhante, o olho pode ser impedido de ver um objeto visível, seja porque o olho é fraco, seja porque o objeto visível está no escuro. Portanto, de modo semelhante, pode ser difícil conhecer a verdade sobre as coisas, seja (1) porque as próprias coisas são imperfeitas de alguma forma, seja (2) por causa de alguma fraqueza da parte do nosso intelecto.

280. (1) Ora, é evidente que experimentamos dificuldade em conhecer a verdade sobre algumas coisas por causa das próprias coisas; pois, uma vez que cada coisa é cognoscível na medida em que é um ser atual, como será dito adiante no Livro IX (1894) desta obra, então aquelas coisas que são deficientes e imperfeitas no ser são menos cognoscíveis por sua própria natureza; por exemplo, a matéria, o movimento e o tempo são menos cognoscíveis por causa do ser imperfeito que possuem, como diz Boécio em seu livro *As Duas Naturezas*.

281. Ora, houve alguns filósofos que afirmaram que a dificuldade experimentada em conhecer a verdade é inteiramente atribuível às próprias coisas, porque sustentavam que nada é fixo e estável na natureza, mas que tudo está em estado de contínua mudança, como será dito no Livro IV (683) desta obra. Mas o Filósofo nega isso, dizendo que, embora a dificuldade experimentada em conhecer a verdade possa ser, talvez, dupla por causa de coisas diferentes, ou seja, nosso intelecto e as próprias coisas, ainda assim a principal fonte da dificuldade não são as coisas, mas nosso intelecto.

282. Ele prova isso da seguinte maneira. Se essa dificuldade fosse atribuível principalmente às coisas, seguir-se-ia que conheceríamos melhor aquelas coisas que são mais cognoscíveis por natureza. Mas aquelas coisas que são mais cognoscíveis por natureza são as que são mais atuais, ou seja, as coisas imateriais e imutáveis, e, no entanto, conhecemos estas menos de todas.

Obviamente, então, a dificuldade experimentada em conhecer a verdade é devida principalmente a alguma fraqueza da parte do nosso intelecto. Disso se segue que o poder intelectual de nossa alma está relacionado àqueles seres imateriais, que são por natureza os mais cognoscíveis de todos, como os olhos das corujas estão para a luz do dia, que eles não podem ver porque seu poder de visão é fraco, embora vejam coisas pouco iluminadas.

283. Mas é evidente que essa símile não é adequada; pois, como um sentido é um poder de um órgão corporal, ele se torna inoperante como resultado de seu objeto sensível ser muito intenso. Mas o intelecto não é um poder de um órgão corporal e não se torna inoperante como resultado de seu objeto inteligível ser muito inteligível. Portanto, após compreender objetos altamente inteligíveis, nossa capacidade de compreender objetos menos inteligíveis não é diminuída, mas aumentada, como é dito no Livro III de *Da Alma*.

284. Portanto, deve-se dizer que um sentido é impedido de perceber algum objeto sensível por duas razões: primeiro, (1) porque um órgão sensorial se torna inoperante como resultado de seu objeto sensível ser muito intenso (isso não ocorre no caso do intelecto); segundo, (2) por causa de alguma deficiência na capacidade de um poder sensorial de perceber seu objeto; pois os poderes da alma em todos os animais não têm a mesma eficácia. Assim, assim como é próprio do homem, por natureza, ter o sentido do olfato mais fraco, de maneira semelhante, é próprio de uma coruja ter o poder de visão mais fraco, porque é incapaz de perceber a luz do dia.

285. Portanto, uma vez que a alma humana ocupa o lugar mais baixo na ordem das substâncias intelectivas, ela tem o menor poder intelectivo. De fato, assim como ela é por natureza a atualidade de um corpo, embora seu poder intelectivo não seja o ato de um órgão corporal, de maneira semelhante ela tem uma capacidade natural de conhecer a verdade sobre coisas corpóreas e sensíveis. Estas são menos cognoscíveis por natureza por causa de sua materialidade,

embora possam ser conhecidas abstraindo formas sensíveis dos fantasmas. E uma vez que esse processo de conhecer a verdade é adequado à natureza da alma humana, na medida em que ela é a forma desse tipo de corpo (e o que é natural permanece sempre assim), é possível para a alma humana, que está unida a esse tipo de corpo, conhecer a verdade sobre as coisas somente na medida em que pode ser elevada ao nível das coisas que compreende, abstraindo dos fantasmas. No entanto, por esse processo, ela não pode ser elevada ao nível de conhecer as quididades das substâncias imateriais, porque estas não estão no mesmo nível que as substâncias sensíveis. Portanto, é impossível para a alma humana, que está unida a esse tipo de corpo, apreender substâncias separadas conhecendo suas quididades.

286. Por essa razão, a afirmação que Averróis faz neste ponto em seu *Comentário* é evidentemente falsa, ou seja, que o Filósofo não prova aqui que é tão impossível para nós compreender substâncias abstratas quanto é para um morcego ver o sol. O argumento que ele apresenta é totalmente ridículo; pois ele acrescenta que, se fosse esse o caso, a natureza teria agido em vão, porque teria feito algo que é naturalmente cognoscível em si mesmo ser incapaz de ser conhecido por qualquer outra coisa. Seria o mesmo que se tivesse tornado o sol incapaz de ser visto.

Esse argumento não é satisfatório por duas razões. Primeiro, o fim das substâncias separadas não consiste em ser compreendidas pelo nosso intelecto, mas sim o contrário. Portanto, se as substâncias separadas não são conhecidas por nós, não se segue que elas existam em vão; pois só existe em vão aquilo que falha em atingir o fim para o qual existe. Segundo, embora as quididades das substâncias separadas não sejam compreendidas por nós, elas são compreendidas por outros intelectos. O mesmo é verdade para o sol; pois, embora não seja visto pelo olho da coruja, é visto pelo olho da águia.

287. **Agora, é justo** (150).

Ele mostra como os homens se ajudam mutuamente a conhecer a verdade; pois um homem ajuda outro a considerar a verdade de duas maneiras — direta e indiretamente.

Um é ajudado diretamente por aqueles que descobriram a verdade; porque, como foi apontado, quando cada um de nossos predecessores descobriu algo sobre a verdade, que é reunida em um todo, ele também introduz seus seguidores a um conhecimento mais extenso da verdade.

Um é auxiliado indiretamente na medida em que aqueles que nos precederam e que estavam errados sobre a verdade legaram aos seus sucessores a ocasião para exercitar suas faculdades mentais, para que, por meio de uma discussão diligente, a verdade pudesse ser vista mais claramente.

288. Ora, é justo que sejamos gratos àqueles que nos ajudaram a alcançar um bem tão grande quanto o conhecimento da verdade. Portanto, ele diz que "É justo que sejamos gratos", não apenas àqueles que pensamos ter encontrado a verdade e com cujas opiniões concordamos ao segui-los, mas também àqueles que, na busca pela verdade, fizeram apenas afirmações superficiais, mesmo que não sigamos suas opiniões; pois estes homens também nos deram algo, ao nos mostrarem exemplos de tentativas reais de descobrir a verdade. A título de exemplo, ele menciona os fundadores da música; pois se "não houvesse Timóteo", que descobriu grande parte da arte musical, não teríamos muitos dos fatos que conhecemos sobre melodias. Mas se Timóteo não

tivesse sido precedido por um sábio chamado "Frínis", ele não estaria tão bem na área da música. O mesmo deve ser dito daqueles filósofos que fizeram afirmações de alcance universal sobre a verdade das coisas; pois aceitamos de certos predecessores as opiniões sobre a verdade das coisas que consideramos verdadeiras e descartamos o restante. Além disso, aqueles de quem aceitamos certas opiniões tiveram predecessores de quem, por sua vez, aceitaram certas opiniões e que foram a fonte de sua informação.

Revision #3
Created 7 September 2026 13:19:31 by Admin
Updated 13 September 2026 13:11:54 by Admin